

Além das nuvens de chumbo, ainda bate qualquer coisa...

Raiblue

"Fechamos os olhos para garantir a memória da memória.

É ali que a vida entra e perdura, naquela escuridão mínima, no avesso das pálpebras..."

(Fabrício Carpinejar)

Por que somos tão bipolares? - Essa pergunta ecoava dentro do meu silêncio, enquanto olhava o mar azul e as pessoas correndo, caminhando, nadando e outras, assim como eu, aparentemente paradas. Mas não pense que estar imóvel queira dizer quietude. Não, minha mente parecia girar mais rápido do que o nosso planeta! Nossa rotação é um desespero, um grito, como se o mundo fosse acabar daqui a um segundo. Aceleramos a vida por ansiedade ou por medo? Medo de parar e ver que tudo está fora do lugar, fora da ordem, dentro da desordem tão minha quanto do mundo!

Era um dia azul, porém a solidão que desfilava diante de mim tinha uma cor indefinível, como indefinível era o que eu sentia naquele momento. Acordara assim, o avesso do dia anterior. De zen à estressada, eu combinava com aquela paisagem, onde as gigantescas ondas arrebatavam na calma da praia. Agora eu era a onda, é claro! Ontem à noite, era a praia e toda sua magia diante de uma lua cheia de intenções... Eu carregava o caos e o paraíso dentro de mim. Eu tão pós-moderna, mas nenhuma tecla conseguira deletar a angústia que amanheceu comigo. Carregava nos olhos a ressaca do dia anterior e a dos

mares, acordara meio Capitu, com esse verde convulso no olhar em ondas...

Fechei os olhos e pensei nos rios que abasteciam as cidades, secos por nossa própria secura, por falta de umidade no olhar. O sal que aduba a sensibilidade anda escasso, a lágrima não cai, petrificou dentro da íris, virou cisco, uma pedra no meio da retina. Queremos ir longe, mas como, se as janelas da alma estão bloqueadas? De pedra em pedra, trazemos um muro no olhar, não conseguimos encontrar a porta que dá acesso ao outro. Nossas muralhas se chocam, porém não se partem. Dizem que o sonho não acabou, contudo o muro de Berlim continua dentro de nós. O Apartheid está aí, disfarçadamente vivo, nada resolve nossas diferenças, ou melhor, indiferenças.

Que tratado poderá transformar nossas 'intratáveis' doenças da alma? Nem Jung nem Freud conseguiram nos curar, talvez Nietzsche estivesse certo, Deus deve estar morto, porém, o pior, é que não conseguimos achar a estrelinha dançante lá dentro, e continuamos no interior da caverna, vivendo através da nossa sombra e das sobras de luz de algum lugar, que vez por outra penetram nossa escuridão.

[O silêncio das estrelas](#) nos confunde, despista o destino e o sonho fica pendurado numa ponta de alguma delas, transformado em ilusão, esse monstro devorador de nossa paz.

Muitos resquícios da bomba atômica, a Hiroshima de cada um de nós ainda sangra, a antirrosa atômica não consegue brotar no chão eroso do coração. O ensaio sobre a cegueira não é mais ficção, estamos cegos de olhos bem abertos, a radiação maléfica do egoísmo só faz brotar cactos nos Saaras que invadem as cidades. O caos é insuportavelmente quente, contudo o coração congela, eis as bipolaridades inevitáveis diante das bruscas variações de temperatura e pressão, e a caldeira da alma prestes a explodir!

Vivemos a vida pelo avesso, e o avesso do avesso só em Pasárgada, Marrakesh ou Shangri-lá, sei lá, qualquer lugar fora daqui, fora de nós, se ainda restar algum canto intacto à prova de radiações, pois as balas perdidas já perfuraram tanto os sonhos, que já nem sabemos se ainda existe algum paraíso, nem externa nem internamente.

Será que ainda bate [qualquer coisa](#) dentro, doida? Será? Só sei que alguma coisa arranha

o céu sobre as cidades e o chumbo das nuvens parece cair sobre nossas cabeças. Os atalhos, nas estradas da razão, foram apagados pelos furacões do desespero, aliás a razão há muito tempo se perdeu, tudo que existe é um império de prepotência, homens brincando de deuses, sem operar, ao menos, o milagre do pão de cada dia, ao contrário, o pão cada vez mais caro, mais escasso na boca do povo, digo boca, porque a única ‘mesa’ que existe para a grande maioria é o chão duro ,rachado, sem vaso nem flores, sem nada. O único cheiro é o da fome que corrói o estômago e a sanidade... A loucura tem o gosto e o cheiro da fome, é ácida e de um vermelho que dói, que mastiga a vida crua, mal passada, sangrando...Uma sagainsana!

A paz é uma lua distante minguando na velocidade do nosso desespero...

Ainda assim, selamos o nosso destino e cavalgamos léguas em busca de oásis, porque nosso coração-peão tem mania de acreditar nas voltas que o mundo dá, nas trovoadas que fazem o milagre brotar no mais distante sertão e que enchem a lua novamente, como uma miragem na paisagem quase destruída. E o coração, tão apertadinho, cresce novamente junto com a lua e vai se enchendo de promessas, essas que só, quando nos desligamos do tempo, conseguimos ouvir, vindas do infinito que abriga o coração do mundo. Ainda há contrações e alguma coisa quer ser parida do universo.... de dentro da gente...nem que seja a fórceps!

[O pulso ainda pulsa](#) , e nós, caçadores de pipas, insistimos no papel e nas linhas que escrevem a nossa história no ar, nesse céu que, apesar de tudo, continua azul, basta soprar as nuvens de chumbo, afinal ele guarda a nossa [liberdade](#), que não poderia ser de outra cor...

Ainda há ventos para reinventar caminhos, basta saber brincar de soprar as nuvens, como se fossem bolhinhas de sabão, despertando a criança que sobreviveu lá dentro. Só ela sabe o segredo de transformar sonhos em realidade com a varinha de condão da imaginação, onde o impossível se perdeu em algum reino muito distante...

A vida sempre insiste em chegar, pelos poros, por todo lugar... ainda há uma [canção azul](#) no ar...

E o infinito sou eu...é você...

(Raibblue)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/alem-das-nuvens-de-chumbo-ainda-bate-qualquer-coisa>